CONHECIMENTOS UTEIS.

QUESTÃO DOS CEREAES EM INGLATERRA.

426 Eu creio que todos os leitores sabem que ésta importante questão procede de que, não produzindo o solo inglez pão sufficiente para manter commodamente todos os seus habitantes, estando a admissão de cereaes extrangeiros subjeita a grandes restricções e avultados direitos — legislação ésta mantida a todo o custo pelos grandes proprietarios como *protectora* da agricultura-nacional; tendo-se formado uma associação formidavel para diligenciar a abolição d'estas leis — associação a que pertence o partido mais liberal do paiz, porque o fim d'ella está comprehendido nos principios d'esse partido; provocando, finalmenmente, as últimas circumstancias — da má colheita dentro do paiz, e na maior parte dos logares que para elle exportavam cereaes; da carestia d'estes em Inglaterra, e da doença das batatas, que introduziu no povo um pannico nada menor que o de lhe virem a faltar alimentos (1) — provocando, dizia, éstas últimas circumstancias uma crise ministerial, porque Peel queria fazer concessões ás exigencias públicas que nem todos os seus collegas no ministerio approvaram; e não havendo Russel podido formar um novo gabinete, pelos obstaculos parlamentaes, e muito principalmente pelos que de futuro incontraria por parte do partido dito *conservador*, se porventura se abalançasse a uma dissolução do parlamento; sendo outra vez Peel encarregado da composição do ministerio: as providencias economicas que este grande homem d'Estado havia concebido, eram por consequencia esperadas com a maior impaciencia e ancia por todos os partidos d'Inglaterra.

O estado da questão hoje é a discussão d'essas providencias no parlamento. É este um ponto grave que a REVISTA não podia deixar de tractar. Em primeiro logar discutem-se providencias commerciaes n'um paiz que entre todos é o que tem maiores relações de commercio com Portugal, e cujas decisões podem interessar muito a nossa industria agricula e commercial: em segundo logar ventila-se competentemente um grave ponto de economia politica — o da *liberdade de commercio*, sôbre que a REVISTA ja tractou em seu n.º 15 do presente vol. fallando do *industria-nacional*; principio que interessa todas as grandes sociedades chamadas nações, porque firmemente acredito que esse principio, quando for tempo, será adoptado por ellas.

Ja se ve de que importancia é esta questão. Vou fielmente expol-a segundo o que se colhe dos jornaes inglezes, de 28 de janeiro a 7 do corrente, e seguila-hei até final termo d'ella; termo ostensivo, porque ésta questão, seja qual fôr o seu resultado presente, hade ser mantida para o futuro entre os que desejavam *mais* e os que não queriam *tanto*.

(1) As colheitas no anno de 1845 foram más em quasi toda a parte, e o preço dos cereaes em Inglaterra subiu aonde não havia chegado desde 1813. O estado da colheita na Podolia, Lithuania, Gallicia, todas as provincias allemans do Baltico, na Prussia, Belgica, Egypto, Turquia, Suecia, e a prohibição do imperador da Russia de se exportar trigo dos seus Estados, em razão das necessidades da Polonia; não deixavam esperanças á Inglaterra e principalmente á Irlanda de poderem ser suppridas por trigo extrangeiro.

As ideas economicas de Peel são a favor da liberdade de commercio. Em 1842, 1844 e 1845 os direitos commerciaes em Inglaterra foram modificados por este famoso estadista n'este sentido, e os resultados teem justificado o sensato das suas providencias. «Nos últimos tres annos (disse elle na sessão da casa dos communs de 27 de janeiro, na occasião de apresentar o seu projecto sôbre cereaes) as rendas públicas teem augmentado; não obstante a diminuição de muitos direitos demasiadamente pesados, tem havido augmento de trabalho, de commercio, de prosperidade e de contentamento no paiz.» Mas Peel tem uma capacidade muito superior para se aferrar a uma opinião exclusiva; modifica o principio, redul-o a termos razoaveis, e tambem não é homem de sustentar por capricho doutrinas que alguma vez enunciou menos esclarecido. Houve insensatos que o censuraram por isso na camara; a resposta do sabio ministro foi, que não se invergonhava de mudar de opinião assim que estivesse persuadido de que tinha razão para o fazer (2).

Aqui está como elle apresenta hoje os seus principios economicos sôbre a industria nacional: «Eu não proponho a protecção *d'este ou d'aquelle ramo d'industria*; mas o estabelecimento de um systema largo de protecção para todos os artigos da nossa industria-nacional; porque *eu penso que ésta protecção é vantajosa*... Assim eu não me limitarei aos interesses agriculas... pedirei a todas as classes que deixem os seus privilegios... Pedirei ás fabricas de tecidos que larguem espontaneamente a protecção que disfructam... D'este modo eu proporei a livre entrada de todos os objectos que servirem para vestidos do povo inglez; mas suprimirei os direitos dos productos manufacturados no paiz, que pagam 10 por cento, e reduzirei a 10 os que pagam 20 por cento... Passando á industria dos metaes, que pagam 15 por cento, proponho que sejam reduzidos a 10... Proponho a mesma reducção na loiça. As carruagens e trens extrangeiros que pagam 20 por cento, fiquem reduzidos a 10. O sabão extrangeiro que paga 30 shellings, não pague senão 20... O papel de forrar casas que paga 1 shel. por yard quadrada, pague so 2 pences... Ha quinhentos artigos nas pautas que não pagam direitos, proponho que o mesmo principio se applique a muitos outros

(2) A questão da liberdade de commercio sendo, em quanto a mim, um principio verdadeiro em these, não póde todavia ser applicado de salto nem ao mesmo tempo em toda a parte. Mas a Inglaterra está á frente de todos os povos productores e commerciantes; a liberdade do commercio de uma nação como ésta longe de inspirar receios, deverá, ao contrario, produzir estimulos para melhoramentos industriaes. O povo inglez actualmente não teme a concorrencia de nenhum outro povo, e poderia talvez paralizar os seus progressos. (E' assim que pensa Cobden em Inglaterra). N'outra qualquer nação porém menos adiantada que a ingleza, seria similhante principio mal applicado. Eu não quero fallar de nós que por em quanto não figurâmos nada em industria, mas de outra grande nação, da Allemanha por exemplo, la o doutor List proclama as restricções, advoga com energia os direitos protectores. A França póde hoje ser considerada no estado medio da applicação dos dois principios oppostos. E' bom fazer observar, comtudo, que Peel não obedeceu cegamente a um principio absoluto de economia politica, combinou as necessidades do seu paiz e applicou-o com prudencia; facilitou a acquisição das materias-primas e a barateza da mão d'obra, com que muito ganhará a industria manufactureira.

artigos... Proponho a suppressão de direitos nos coiros ja preparados... e em consequencia d'isso seja reduzido o direito sôbre o calçado... e do mesmo modo sôbre os chapeus de palha... seda froixa tincta etc... Proponho tambem a reducção dos direitos *d'aguardente*, *genebra* e *bebidas espirituosas extrangeiras*, a 15 shel... Proponho igualmente a reducção dos direitos do assucar extrangeiro.

« Passemos agora aos artigos que dizem respeito á agricultura. (Continuou o orador). Tenho a profunda convicção de que uma reducção de direitos nas sementes longe de ser falta de protecção a agricultura lhe é vantajoso... Proponho pois que os direitos sôbre as sementes, em geral, não exceda a 5 shel. por quintal... Mas como o maiz ou trigo da India é um cereal que muito contribue para engordar o gado, proponho que se permitta a importação d'elle sem direitos... e do mesmo modo o trigo sarraceno. Assim tambem a farinha... Proponho que sejam reduzidos a metade os direitos da manteiga, do queijo, do *lupulus* (3), do peixe-salgado, da cidra e outras bebidas; e a suppressão immediata do direito em todos os artigos que constituem a subistencia do povo. Os direitos sôbre as graixas (gorduras, toicinho etc.) será suprimido absolutamente, assim como os direitos da carne-fresca, salgada, ensaccada, e de porco; das batatas e legumes de toda a especie. Eu proponho a livre admissão de todos estes artigos. Do mesmo modo, todos os animaes importados dos paizes extrangeiros serão admittidos sem direitos na Inglaterra. As vantagens que éstas franquias de direitos não podem deixar de produzir, compensarão largamente a perda momentanea dos rendimentos do Estado. Não proponho a revogação immediata das leis sôbre cereaes; todavia, na esperança de alcançar uma combinação satisfatoria, de prevenir receios infundados, de dar tempo á agricultura para se accommodar com o novo estado das circumstancias — ao mesmo tempo que proponho a continuação temporararia da *protecção*, proponho tambem que o bill contenha uma disposição distincta para fazer conhecer que no fim de certo tempo, *os cereaes extrangeiros serão importados na Inglaterra livres de direitos*. A minha proposta apresenta pois uma consideravel reducção dos direitos actuaes, reducção que deve ser limitada ao periodo de tres annos, findos os quaes, a aveia, a cevada e o trigo, serão considerados no estado em que hoje considero o maiz e o trigo sarraceno... Em virtude da minha proposta, até ao 1.° de fevereiro de 1849, se perceberão os seguintes direitos sôbre o trigo importado do extrangeiro. Se o *quárter* (4) de trigo se vender a 48 shel., pagará 10 shel. de direitos; 9, de 48 a 49; 8, a 50; 7, a 51; 6, a 52, 5, a 53: excedendo a 53 haverá um direito variavel de 4 shel.; todas as outras especies de grão, pelo preço actual, sahidas do *terreiro* para consummo, ficarão exemptas de direitos. »

Para indemnisação da propriedade territorial, que soffrerá com éstas providencias, propoz o habil economista a reducção do imposto das estradas e do domicilio; e differentes melhoramentos agriculas, acompanhados de estimulos e favores; e em quanto á Irlanda, que as despezas da policia fiquem a cargo do thesoiro-público.

Eu quereria transcrever ainda o fim d'este discurso celebre, pelas considerações commerciaes que n'elle se encontram, se não receiasse tornar este artigo demasiadamente extenso. Tambem não insistirei nas vantagens que d'esta moção, uma vez convertida em lei, podem resultar para o commercio portuguez; guardo isso para quando a lei for promulgada, porque eu não duvido que o seja apezar da opposição da camara dos lords e de quasi todos os proprietarios agriculas. Então veremos como do nosso commercio de cereaes, farinhas, (5) porcos e chacina, batatas, aguardentes e vinhos, podem provir as maiores vantagens para o paiz.

A proposta de Peel havia começar-se a discutir nos communs no dia 8 do corrente. O estado do paiz n'esta questão era summamente interessante. As ruas immediatas ao escriptorio do *Times* estavam completamente cheias de povo apinhado no dia 27 de janeiro á noite, para lerem a moção. Mais de 54,000 exemplares d'aquelle jornal se venderem logo. (6) Appareciam nas praças de Londres reuniões, algumas vezes de mais de 1,000 pessoas, pedindo a assignatura de quem passava a favor da proposta. Os antagonistas não descançavam tambem. O duque de Richmond, par e presidente da sociedade agricula-central, tinha-se posto á frente da opposição á proposta. Esta associação tinha appellado para todas as associações-agriculas da Gran'Bretanha para resistirem ás providencias propostas por Peel. « A sociedade está convencida de que taes providencias produziriam uma revolução que causaria a ruina infallivel não so das classes agriculas mas de todas as classes da sociedade » Não pensam porém assim a maior parte das municipalidades inglezas, que felicitavam o ministro pela sua proposta, e pedem a adopção d'ella. Uma grande parte dos torys e quasi toda a opposição whig e radical, appoiam a moção de Peel. O paquete que deve entrar no dia 23 com folhas até 17, deverá trazer quando menos, este grave ponto profundamente ventilado e esclarecido.

FÁBRICAS DE FUNDIÇÃO PORTUGUEZAS.

427 Tres grandes proprietarios de fábricas de fundição de metaes da cidade do Porto, acabam de apresentar ás côrtes uma representação sôbre a promessa feita pela camara municipal d'aquella cidade, ao Sr. Stearhs, contractador da illuminação a gaz da mesma cidade, de alcançar do govêrno de Sua Magestade a exempção de direitos de todos os objectos de metal necessarios para estabelecimento da referida illuminação. Os signatarios da representação sustentam que no paiz se podem fabricar todos esses objectos *iguaes em bondade e perfeição aos extrangeiros*. Folga-se muito de ler n'esta representação os seguintes periodos:

« Diz-se, Senhora, que não ha em Portugal uma

(3) Planta que entra na composição ou fabrico da cerveja.

(4) Medida ingleza que andará por obra de 8 alqueires razos.

(5) Eu tenho a maior fé no commercio das farinhas, principalmente para o Brazil e Inglaterra, logo que a companhia dos moinhos-fluctuantes estabeleça as suas operações.

(6) O ministro descêra da tribuna ás 8 horas e um quarto da noite; ás 9 horas corria impresso o seu discurso.

fundição que possa em pequeno prazo fabricar os apparelhos necessarios para a illuminação a gaz, e que ainda quando a houvesse os nossos operarios não estavam habilitados para a construcção d'esses apparelhos. Éstas razões não passam de especiosas, porque em Lisboa ha duas ou tres fabricas de fundição, tres n'esta cidade, e uma nas vizinhanças. Se todas éstas fabricas não podem em pouco tempo apromptar os objectos para a illuminação a gaz na cidade do Porto, então ou os seus proprietarios não tem idea nenhuma do processo e maneira por que se fabricam esses objectos, ou quem avançou a proposição é que tem essa ignorancia. Os abaixo-assignados sabem, e sabem muito bem, como se fabricam; e asseveram que as fabricas nacionaes podem apromptar os apparelhos em pouco tempo, não so para ésta cidade, mas para muito maior extensão de terreno que se quizesse illuminar a gaz. Os abaixo assignados regeitam por tanto a proposição como absurda.»

« Que as fabricas não são capazes de fabricar com perfeição os apparalhos, tão bons como os de fóra, é tambem um argumento que os abaixo assignados desprezam e stygmatizam como injurioso e offensivo do grau de perfeição a que as fabricas tem chegado. Não são elles que o dizem, são a experiencia e os factos que o attestam, e milhares de testimunhas que tem visto obras feitas nas fabricas de maior difficuldade e trabalho do que são as peças para a illuminação a gaz.»

Assento pois que a maior razão porque o contractador Stearhs deseja a exempção de direitos sòbre os artefactos que importar, necessarios á illuminação, não será tanto pela menor perfeição d'elles fabricados no paiz, como pelos preços, que apezar das despezas de fretes etc., lhe sahirão porventura mais baratos comprados fóra. A grande escala em que estão estabelecidas as fábricas de fundição na Inglaterra, França e Belgica, a barateza da materia prima quasi ás suas portas, os jornaes talvez mais modicos, são razões sufficientes para que os nossos esforços não comportem a concorrencia das fundições extrangeiras. E por este lado póde ser que o contractador tenha razão. Mas não é menos certo que necessitando ésta indústria de *protecção* entre nós — mais do que os interesses do thesoiro, que os signatarios allegam, precisa ella de advogado. É demais muito para notar o seguinte paragrapho da representação dos proprietarios:

« Assim, fabricando se no reino os objectos necessarios para a illuminação a gaz, os proprietarios das fabricas tem necessariamente de empregar muito maior número de braços, do que até agora occupam, e n'isto vai a duplicada vantagem de tirar, não so victimas á miseria, mas tambem filhos á ociosidade.»

Ora, o bom govêrno não deve nunca deixar escapar occasião de promover a prosperidade pùblica sempre què e como possa. Eu preferíra n'este caso, que se impozesse antes ao contractador a obrigação de fazer fabricar no paiz os seus apparelhos (supposta a perfeição d'elles) concedendo-se-lhe outras vantagens no contracto, do que regatear a concessão d'estas para lhe permittir a livre importação d'esses apparelhos, deixando no paiz sem estímulo e sem protecção uma industria nascente e importante. Não sería para temer demasía n'esta protecção, por isso que no Porto e Lisboa ha sufficiente número de fundições cuja concorrencia poria o contractador a coberto de exigencias exageradas.

No estado porém em que talvez este negocio se acha, ja isto não será possivel; e então ainda lembraria outro alvitre. Que o govêrno não exemptasse senão de meios-direitos os objectos importados; que no caso d'elles serem fabricados no paiz, o governo concedesse, como condição de modicidade de preço dos artefactos, a importação livre de direitos para o proprietario da fundição onde estes se fabricassem, de tantos quintaes de materia-prima quantos fossem os que se consummissem na obra d'esses artefactos.

Deus me livre que alguem se lembre de me objectar que eu proponho o beneficio de um particular á custa do thesoiro! Em todo o paiz em que as vistas mesquinhas d'esse *alguem* achassem echo nos membros da administração, a industria nacional e a prosperidade pública podiam considerar-se em estado de immediata ruina. Riqueza que fica no paiz, riqueza que se distribue de innumeraveis modos, riqueza que póde produzir incalculaveis resultados uteis, não será adquirida á custa do thesoiro mas para proveito futuro do mesmo thesoiro. E eu não quero crer que por pequenas conveniencias presentes se sacrifiquem grandes resultados futuros. É um axioma que anda na bocca do povo, porque o povo tambem é economista — *é necessario semear para colher*: e é evidente que, senão se quizer perder nada em semente tambem nada se poderá adquirir em colheita. Que se pése bem o equilibrio das rendas públicas, que se pense e calcule d'antemão se aquillo que se retira de uma parte se poderá, e ás vezes mais vantajosamente, grangear por outra. Augmentar por um lado uma receita que produz a diminuição d'outra, será muito bonito modo de ostentar no orçamento uma verba brilhante; mas o deficit crescerá, apezar d'isso, para indicar no complexo o absurdo administrativo que, como o pé-de-cabra do diabo, la apparecerá onde menos se esperava vel-o pelo deslumbrante dos infeites.

ESTATISTICA NECROLOGICA.

429 Em janeiro de 1846 faleceram no Bairro-Alto: do sexo masculino, 19 — do femenino 14 — expostos na Sancta Casa da Misericordia, 19 — total 52.

As molestias principaes, de que faleceram, foram: — apoplexias, 5 — ptisicas pulmonares, 2 — febres, 3 — bronquites e pneumonites, 6 — pleurises, 2 — croup, 1 — differentes phlegmasias abdominaes, 3 — escrophulas, 1 — paralisias, 2 — lesões do coração 1.

Entre os falecidos do sexo masculino figuram — empregados públicos, 2 — commerciantes, 2 — homem de lettras, 1 — proprietarios, 2 — artistas e operarios, 8. — E d'entre os 52 falecidos d'ambos os sexos — 4 tinham de 70 a 80 annos d'idade — e 3 de 80 a 90. *M.*

N. B. A estatistica do bairro do Rocio, publicada no antecedente número, esqueceu ir rubricada com as lettras, — S. A.

COGITAÇÕES SOLTAS DE UM HOMEM OBSCURO.

423 O modo como os fragmentos que vamos

[*] A Revista póde com razão ufanar-se da publicação de

publicar nos vieram ás mãos é cousa que não importa aos leitores: o que lhe póde importar é se haverá n'elles idéas que os levem a reflectir sôbre o estado da sociedade no meio das questões de organização que se agitam entre nós. São estas folhas avulsas como uma serie de apontamentos para um livro que talvez fosse de algum valor se chegasse a escrever-se. Incapazes litterariamente de preencher as lacunas e de coordenar as ideas, que as mais das vezes apenas estão indicadas n'estas notas, imprimimo-las como nos foram transmittidas pela derradeira vontade de um homem que ja não existe, e que tinha mais habito de pensar que d'escrever, o que, seja dito sem offensa de ninguem, não é demasiado vulgar. Cremos que todos os partidos reconhecerão que estes pensamentos se movem n'uma esphera differente d'aquella em que giram as opiniões ou paixões por cuja causa combatem uns com outros e mutuamente se detestam, e que por isso nenhum d'elles os considerará como adversos ou favoraveis aos seus interesses momentaneos, e digamo-lo, ás vezes bem pouco graves. Da altura dos systemas os publicistas olharão para estas cogitações como para um sonho de homem acordado, não raro em flagrante contradicção com as doutrinas das escholas. É provavel que tenham razão. Mas como elles ainda não poderam intender-se entre si, nem siquer ácerca dos principios fundamentaes da sciencia politica, deixem passar o pobre sonhador, e perdoem-lhe a ignorancia em attenção ao seu amor de patria e á nova luz a que nos parece ter visto um certo numero de factos sociaes importantes. Notas, cujo destino era o serem conservadas na pasta do auctor, até se completarem e receberem a conveniente ordem, éstas ponderações não tem ainda as fórmas modestas com que deveram apresentar-se; nós, porém, não nos atrevemos a revesti-las d'essas fórmas com receio de diminuir-lhes a energia. Mais como duvidas sôbre as causas e remedios da febre que agita as sociedades modernas, que como pretenções de fundar uma nova eschola politica, esperâmos sejam consideradas *as Cogitações de um homem obscuro* por aquelles que se applicam a reformar as instituições dos povos. São ideas informes, incompletas, e rudes: mas bem grosseira é a silex, e é d'ella que sahe a faúlha com que accendemos o facho que nos guia nas trevas de noite profunda.

Um escripto, que a continuar como se le n'estas cinco columnas [do que não ha duvidar] é uma das coisas mais dignas de profundo elogio, pela philosophia, pela erudição e pela eloquencia, que se tem escripto na lingua portugueza. Da R.

Possam os devaneios d'aquelle que passou desconhecido no mundo, não serem inteirameute inuteis para o progresso humano, e sôbre tudo para a liberdade e bem estar futuro da terra sacrosancta da Patria!

A. Herculano.

I.

Fraco, pequeno, e pobre na origem, Portugal teve de luctar desde o berço com a sua fraqueza original. Apertado entre o vulto gigante da nação de que se desmembrára e as solidões do mar, o instincto da vida politica o ensinou a constituir-se fortemente. Quando se lançam os olhos para uma carta da Europa e se vê esta estreita faixa de terra lançada ao occidente da Peninsula e se considera que ahi habita uma nação independente ha sette seculos, necessariamente occorre a curiosidade de indagar o segredo d'essa existencia improvavel. A anatomia e physiologia d'este corpo que apparentemente debil resistiu assim á morte e á dissolução, deve ter sido admiravel.

Que é feito das republicas da Italia tão brilhantes e poderosas durante a idade media? Onde existem Genova, Pisa, Veneza? Na historia: unicamente na historia. É la onde somente vivem o imperio germanico e o do Oriente, a Escocia, a Nornega, a Hungria, a Polonia, e na nossa propria Hispanha a Navarra e o Aragão. Fundidas n'outros Estados mais poderosos, ou retalhadas pelas conveniencias politicas, éstas nacionalidades exteriormente fortes e energicas dissolveram-se e annularam-se, e Portugal nascido apenas quando essas sociedades ja eram robustas, vive ainda, posto que em velhice abhorrida e decrepita. Ha n'isto sem duvida senão um mysterio, ao menos um phenomeno apparentemente inexplicavel.

Estará a razão da nossa individualidade tenaz na configuração phisica do solo? Somos nós como os Suissos um povo montanhez? Separam-nos serranias intransitaveis do resto da Peninsula? Nada d'isso. As nossas fronteiras indicam-nas commummente no meio de planicies alguns marcos de pedra, ou designam-nas alguns rios so no inverno invadiaveis. Quem impediu a Hispanha, esse enorme collosso, de devorar-nos?

Poder-se-ha dizer que desde o seculo XVII é a rivalidade das grandes nações da Europa que nos tem salvado. Talvez. Mas antes d'isso era por certo uma força interior que nos alimentava, e que ainda actuou em nós no meio da decadencia a que chegámos no seculo XVI, decadencia que virtualmente nos veiu a subjeitar ao dominio castelhano.

Mas durante esse mesmo dominio o instincto da vida politica, o afferro á individualidade, existia senão nas classes elevadas ao menos entre a plebe, porque a plebe é a ultima que perde as tradições antigas, e o amor da sua aldeia e do seu campanario.

A lucta do vulgacho — exclusivamente do vulgacho — a favor de D. Antonio prior do Crato contra a corrupção de tudo quanto havia nobre e ricco em Portugal, e contra o poder de Philippe II, é um reflexo pallido e impotente da epocha de D. João I; mas é um facto de grande significação historica.

Completam-no as diligencias feitas nas côrtes de Thomar para que a linguagem official do paiz se não trocasse pela dos conquistadores. Este facto comparado com essoutro obriga a meditar.

Philippe II foi um grande homem — astuto, activo, dotado de um character ferreo; foi o representante mais notavel da unidade politica absoluta, e não pôde ou não soube delir e incorporar este pequeno povo na vasta sociedade hispanhola sôbre a qual seu pae e elle haviam passado uma terrivel rasoira que lhe destruíra todas as asperezas e desigualdades. E todavia Philippe II tinha geralmente por alliados entre os vencidos os homens mais eminentes por illustração, por linhagem, por faculdades pecuniarias.

É que as multidões obscuras eram ainda portuguezas no amago posto que corrompidas no exterior pela corrupção das classes privilegiadas. Todas as outras explicações são insufficientes ou falsas.

II.

Tambem os tempos que precederam immediatamente o dominio hispanhol offerecem um complexo de factos que fazem pensar.

Na segunda metade do seculo XV resolveu-se Affonso V a conquistar Arzilla. Aprestou trinta mil combatentes e uma frota de perto de quinhentas vellas. Os esforços de Portugal para supprir uma tão poderosa expedição parece não terem sido excessivos. Aquelles de quem o principe estava descontente eram ameaçados por todo castigo de não se lhes consentir o participarem dos riscos da empresa. Para a emenda de muitos bastava o incentivo de se lhes recusar o affrontarem os combates e a morte.

Na segunda metade do seculo XVI tractava-se de ajunctar doze mil homens para a infeliz jornada de Alcacer-quibir. As violencias que se praticaram para arrancar do paiz as victimas d'aquelle grande holocausto foram inauditas, e exgotaram-se os recursos da nação para satisfazer o custo de uma tentativa de cujo resultado a consciencia da propria fraqueza e degeneração, fazia com que o povo augourasse mal.

Entre éstas duas epochas é necessario suppor um periodo de decadencia profunda, moral e material, e esse periodo deve ser longo. Uma nação não decahe de um para outro dia. A virtude e os recursos de Portugal deviam ter-se consummido lentamente.

Mas o que é esse periodo intermedio? É o do estabelecimento da monarchia absoluta sôbre as ruinas da monarchia liberal da idade media. É a epocha dos descobrimentos e conquistas.

Entre as ideas de engrandecimento e poderio da epocha anterior a D. João II, e as da epocha posterior a elle, ha um abysmo que nunca deixará confundi-las.

A politica da idade-media era em tudo religiosamente historica: a do renascimento era em tudo hypocritamente revolucionaria.

Expliquemo-nos.

Portugal surgira no meio de uma reacção de crença e de raça. A Africa e o islamismo tinham subjugado a Hispanha e o christianismo. A raça goda e christan repellia a conquista. Durante o progresso da reacção, Portugal nascêra e d'ella se tinha alimentado como os outros Estados da Peninsula. Era este o grande facto da sua existencia: o mais era accessorio e secundario.

A conquista mussulmana fora uma vaga dos grandes éstos humanos, que galgando por cima do Estreito, viera tombar e espraiar-se sobre o solo que habitava a familia romano-gothica.

Para obedecer á natureza das cousas, para a reacção ser verdadeira e completa, a vaga romano-gothica tambem devia transpor o Estreito, e estourando sobre a Mauritania, dar-lhe a provar o amargor do dominio extrangeiro. O futuro pertencia a Deus; mas as probabilidades do final triumpho cabiam áquelle dos dous contendores que viesse a ter por si a superioridade da civilisação, e o decurso dos tempos mostrou que ésta superioridade recahiu não na Africa, mas sim na Peninsula.

Assim as tentativas dos nossos antigos reis para se apoderarem dos territorios africanos eram logicas historicamente, e além d'isso eram justas. O islamismo fôra quem lançára a luva á raça christan: não podia queixar-se da prorogação do combate.

E descendo da idéa essencial da politica da idade-media ás circumstancias secundarias que podiam servir como meios de a realizar, vê-se entre ellas e essa idéa mãi uma admiravel harmonia. As conquistas d'Africa deviam sorrir ao povo: estribavam-se nas tradicções, e nos odios de uma guerra de seculos, guerra ao mesmo tempo de religião e de liberdade; no habito da victoria que desde a batalha das Navas de Tolosa os proprios mussulmanos consideravam como devendo mais tarde ou mais cedo pertencer definitivamente aos christãos. Accrescia a vizinhança das costas da Berberia, e portanto a facilidade de conduzir d'aquem mar tropas, viveres, munições; o serem os sarracenos adversarios antigos, e por isso avaliados com exacção os seus recursos, o seu valor, os seus ardiz e usanças militares; o existirem necessariamente ligações entre os mouros, livres em Portugal debaixo do dominio christão, e os sarracenos africanos, o que por muitos modos facilitava a conquista. Tudo isto conspirava em tornar nacional e plausivel o systema d'engrandecimento da nossa idade media; systema claro, consequente, legitimo, e do qual ja se devisavam os symptomas, como era natural, pouco depois da conquista do Algarve por Affonso III; isto é, no reinado de seu neto Affonso IV.

Ésta politica mudou na conjunctura em que a monarchia primittiva se characterizava definitivamente em monarchia absoluta.

A causa final de todas as tentativas d'engrandecimento colloca-se desde essa epocha na pessoa do rei, e não no paiz: a tradição historica perde-se. As expedições maritimas abandonam o rumo da Africa septentrional e vão correndo ao longo das costas meridionaes. Os descobrimentos além do Bojadar que até ahi eram accessorios da intentada conquista do Maghreb, convertem-se em objecto principal das ambições de poderio. Affonso V tomára o titulo de *rei* de Portugal e dos Algarves, d'aquem e *d'alem mar*: fôra ésta a derradeira expressão do pensamento antigo. D. João II accrescentou a esse titulo o de *senhor* de Guiné: era a primeira palavra do symbolo moderno. As conquistas de Affonso V representavam um accrescimo de territorio ao reino; pertenciam ao paiz (1)

(1) D. João I ja se intitulára *senhor* de Ceuta: mas Ceuta era apenas uma povoação: era o elemento de um mu-

os descobrimentos de D. João II tendiam a achar ouro e escravos para o rei. Assim em quanto os seus antecessores costumavam congratular-se francamente com o orbe christão pelas victorias obtidas na Mauritania, este principe escondia por todos os meios de terror e mysterio o *seu senhorio* de Guiné, como o velho avaro procura occultar o coffre que encerra o seu thesouro.

Desde então a vida energica de Portugal distrahida do caminho historico e justo, do alvo solido e dos resultados permanentes a que a dirigíra a anterior politica, foi empregada no proseguimento da nova idéa de pessoalidade, da substituição do rei ao Estado. A gloria adquirida n'essa epocha foi das maiores que o mundo tem visto; mas comprámol-a com a desgraça futura, com a morte de toda a esperança, com o tragar golo a golo por seculos, um calix immundo de males e affrontas. — Adquirimos um largo patrimonio para dividir com as outras nações: reservámos para nós a fraqueza interior, consequencia de esforços mui superiores aos nossos recursos para remotas conquistas: reservámos para nós a corrupção moral e a decadencia material. Que significa, pois, qual é o valor real d'essa gloria? Puramente negativo.

A seiva da arvore social esgotou-se no bracejar descomposto. A Asia e a America perderam-nos. O antigo aferro á terra natal, o odio do jugo extranho, o nobre e altivo character de homens livres, o esforço indomavel, deixámos tudo isso pelos palmares da India, pelas minas auriferas da terra de Sancta Cruz, pelos emporios do nosso illimitado commercio. Pozemos hypocritamente a cubiça de mercadores e as correrias de corsarios á sombra veneranda da Cruz. Pensámos que atraz d'ella não nos veria a historia Enganámo-nos. Quando a febre que nos alimentava se trocou em consumpção lenta, os povos que vieram recolher o fructo do nosso esforço ou dos nossos crimes, levaram alguns annos a verificar a partilha, e quando acabaram olharam para nós e riram-se.

As nações maritimas da Europa representaram n'este horrivel drama o papel de espectadores romanos assentados nos degraus de um circo; nós o de gladiadores. No fim do espectaculo ellas voltaram o pollegar para a terra em signal de desapprovação. A pateada era justa: tinhamos cahido mal.

E ainda ha quem acceite com vangloria os elogios insolentes dos extrangeiros, que insultando a nossa decadencia presente, exaltam os feitos admiraveis com que lhes abrimos laboriosamente atravez do Occeano o caminho da prosperidade? É um singular genero de surdez, ouvir o elogio semsabor e não ouvir a gargalhada que o segue e que o converte n'um escarneo.

III

Quem quizer saber o que a monarchia absoluta tinha feito do Portugal antigo leia a segunda carta de Sá de Miranda, dirigida ao senhor de Basto.

Este Sá de Miranda não seria um grande poeta mas era mais do que isso: era um homem de fino tacto, que não tomava a febre do paiz por força normal de vitalidade, e que via a decadencia e ruina nas riquezas e pompas de Lisboa; n'aquillo em que uma cubiça miope via engrandecimento e progresso.

Desde que o rei deixou de ser rei para ser senhor, o paiz annullou-se diante da capital. Quando o principe é o Estado, que importam as provincias? A corte é tudo; é o manto real. Cubra-se de ouro e pedrarias, está obtido o esplendor do *Estado*.

Se D. Sebastião fosse um Sá de Miranda não teria ido morrer a Alcacer-quibir. O pobre rapaz era uma alma nobre e teve uma inspiração da politica da idade media; quiz ser descendente dos reis cavalleiros, dos reis municipaes, dos reis chefes da reacção christan, no meio de uma nação de belforinheiros, de sobrecargas, de judeus-agiotas, de cortezãos, e de tartufos. Pagou-o.

Malaventurado mancebo! Nunca viu passar por entre seus sonhos dourados e puros os phantasmas melancholicos de D. João II, de D. Manuel, e do inquisidor-mór D. João III: não soube que para ressuscitar o pensamento destruido nos fins do seculo XV era preciso primeiro reconstruir uma sociedade que perecêra com elle. D'aqui o seu mal.

Pozémos agora o dedo sobre a chaga que corroeu e corroe Portugal. O que até este momento apontámos é uma serie de phenomenos, de factos externos, posto que de alta importancia por nos conduzirem á avaliação das causas intimas da ruina do paiz. — Estas causas estão unicamente nas circumstancias que se deram na transformação da indole politica da sociedade portugueza. É éssa a chaga em que tocámos.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

O TRAGA-MOURO.

430 Gonsallo Hermigues, o Traga-mouro, é o primeiro nomeado dos nossos trovadores, d'aquelles poetas guerreiros da meia-edade que faziam as suas Iliadas com a espada e as cantavam no alaude depois. E, seja este um verdadeiro character de historia litteraria, ou seja apenas um mytho em que as gerações posteriores quizessem personalizar o espirito cavalheiresco e poetico do tempo, o certo é que o seu nome e a sua imagem entraram no Walhala dos Lusitanos, d'onde os não expulsarão nunca os severos requisitorios da crítica moderna. Nenhum *advogado do diabo* faz j'agora revogar a sentença do consistorio popular que beatificou o nosso Traga-mouro, declarou genuinas as suas toscas e quasi inintelligiveis trovas, e como reliquias preciosas as collocou, a par de sua imagem, no altar sagrado das mais queridas recordações nacionaes.

Seja Frei Bernardo de Brito convencido de im-

nicipio. N'este caso a palavra *senhor* era a versão de *Dominus* que nas cartas municipaes da idade media tinha um valor bem diverso do vocabulo *senhor* empregado pelo absolutismo. O que jamais rei nosso se chamou antes de D. João II, foi *senhor* de uma *provincia* dependente da coroa portugueza.

postor, Miguel Leitão-d'Andrade de trapasseiro, Faria-e-Sousa de credulo; fiquem Sarmiento e André desconceituados, e o nosso bom velho Antonio Ribeiro-dos-Sanctos havido por um pobre homem; tenham embora razão, contra todos estes que assim o creram, o terrivel João Pedro Ribeiro e o Dr. Bellerman que lh'o negam; tudo isso póde ser, menos deixar-se a poesia portugueza desappossar-se de Gonsallo-Hermigues, da sua Oriana, e da sua canção ou cantar — embora mais gallego que outra coisa, é verdade; mas queremo'-lo e cremo'-lo assim: deixem-nos com a nossa fe do carvoeiro.

Gonsallo-Hermigues foi um famoso guerreiro da côrte e dos ultimos tempos de D. Affonso Henriques (rein. 1128 — 1185). Era filho de Hermigio-Gonsalves, o Luctador, a quem mataram os mouros na batalha do Campo d'Ourique. 'Foi cavalleiro mui signalado nas armas — diz Antonio Ribeiro-dos-Sanctos, resummindo os historiadores antigos — e de quem no paço se fazia grande conta, por ser, além de valoroso, de alegre conversação e gentil pessoa, e de mui bons dittos e motes que fazia; teve por sobrenome o Traga-mouro, appellido que lhe deu o grande ânimo e valor com que se havia extremado nas batalhas e recontros de guerra contra os mouros, e nas correrias que fazia em suas terras.'

Um dia, eram vinte e tres de junho do anno de graça mil cento e tantos, estava o nosso Gonsallo-Hermigues com outros cavalleiros de sua banda e facção — dos que tomavam parte larga em suas gallantes e arriscadas impresas, e que por toda a parte repettiam com enthusiasmo as façanhas gloriosas que lhe viram obrar, e as trovas ingenhosas em que lh'as ouviam cantar.

Devisavam os mancebos, com a sôlta alegria de sua edade, sôbre graças de bellas damas e gentilezas de guapos cavalleiros, e ingenhosos motes d'espirito com que a uns e outros primores celebrava a diurna e gaia, ou alegre, sciencia do trovador — que assim se chamava então a arte do poeta.

— 'Ha muito, disse um, que o Traga-mouro não faz uma trova que se cante.'

— 'Nem um feito que se trove' respondeu outro.

— 'Vel-o-hemos cedo monge d'Alcobaça pelo geito que leva; e la trovará em francez com os frades ou em proençal, ou no quer que é que elles fallam.'

— 'Fallam um romance que é differente do nosso, mas intende-se.'

— 'Como eu intendo as trovas de Aragão e de Catalunha; e mais são bem arrevezadas. Bons trovadores são os catalães!'

— 'E bons justadores!'

— 'E a batalhar não dou licença que nenhum castelhano lhes ponha o pé adeante.'

— 'Castelhanos e leonezes são mais homens a cavallo do que ninguem: vêde-m'o Cid Ruy-Dias!'

— 'Que casta de chronica é essa que diz que fez em coplas de arte-maior um tal padre Ubeda, dos feitos e gestos do Cid?'

— 'Uma coisa que parece latim, sem graça nem donaire de romance, trovas de breviario, cheiram a frade. Cantigas de cavalleiros hãode fazel-as cavalleiros. Que hãode fallar clerigos de damas? Como se hade sentir o tinir da espada no bater das coplas, se as não fizer quem está costumado á musica das batalhas, ao soir constante do ferro? Coplas de gente de guerra querem-se feitas por este compasso, que não é tanger de sinos a matinas n'um campanario de frades.'

— 'E viva o Traga-mouro que fallou como quem sabe. Quando nos hasde tu fazer uma trova por esse compasso? Ja são velhas as outras como o Kirieleison.'

— 'Ámanhan... ésta noite...'

— 'Aonde? vamos ja afinar os instrumentos.'

— 'E vamos que o tanger será de primor. Ésta é a noite de San'João.'

— 'Noite de amorio e de folgança.'

— 'Para christãos e para Mouros.'

— 'Então deixá-los em paz.'

— 'Não. Quem lhe manda aos Mouros fazer festas ao nosso Sancto?'

— 'Bem ditto!'

— 'Antes de romper d'alva havemos de estar aopé d'Alcacer do Sal. A campina é formosa e florída. Mais lindas são as mouras que hãode vir apanhar as flores e as orvalhadas do sancto. Nós escondidos d'um bravo azinhal que alli ha; os barcos promptos no rio... Que venha a mourama toda defendê-las, havemos de trazer as melhores flores que apparecerem na campina. — E fraco trovador hade ser o que não achar materia para quatro coplas... que nem aragonez nem provençal tenham que lhes dizer.'

— 'A elles!'

— 'A elles.'

E imbarcaram-se logo, e chegaram á cilada, a tempo. Inda mal rompia a manhan, abriram-se as portas da villa e começaram de sahir, em som

de festa e de alegria, chusmas de donzellas mouras a qual mais linda e a qual mais descuidada do perigo que lhes estava tam perto.

Entre todas se distinguia como a assucena entre as violetas, virgem real de candura e de belleza uma joven moura, mais delicada de fórma, mais singella no trajo, e todavia mais superior no garbo... e n'aquelle não sei quê mais para sentir do que para ver, que separa, do vulgo das mulheres, uma... essa uma tam rara de encontrar.

De musquetos, de madresilvas, de ouregams, de boninas e de violas, ja umas levavam ás regaçadas, outras teciam capellas... Os jovens cavalleiros imbuscados viam tudo e aguardavam impacientes o signal de Hermigues para romperem da cilada. Incostado ao tronco de uma árvore que debruçando a copa até ao chão permittia ver tudo aos escondidos sem os deixar ver de fóra, elle contemplava immovel o espectaculo que tinha deante dos olhos sem perceber a impaciencia dos companheiros.

—, É aquella ' disse derepente o Traga-mouro, voltando-se para elles ' é aquella a que eu vi hontem.'

—' Hontem, aonde ?'

—' No ceo.'

—' No ceo! está como o trovador.'

—' No ceo. Foi um sonho que tive. Mas é aquella.'

E sem dizer mais, rompeu d'entre as devesas e foi direito á linda moura que tanto se aventajava ás outras todas e que sentada na alcatifa da relva parecia escolher, entre as regaçadas de flores que lhe traziam as companheiras... e não acabar de accertar com a que lhe agradava...

Seguem-n'o os outros de tropel. O espanto corta a voz e intorpece os passos das mouras. Quada qual dos cavalleiros toma a sua nos braços. Ja se vê qual levaria Gonsallo Hermigues.

Corriam para os seus bateis. Levanta-se o alarido das mouras, que ficavam, acodem os paes e irmãos... e os bemdittos maridos tambem, que vinham sahindo da villa. Cresce a chusma dos mouros. Ja andam no ar as espadas e os alfanges. Trava-se renhida a peleija. Mas os christãos chegam com a sua presa aos bateis. Todos não! Gonsallo Hermigues, para salvar os companheiros, teve de largar a preciosa carga que lhe não deixava livre o jôgo da espada.

—' Embarcae e tende-vos com os bateis sem largar.'

E, so, investe com um tropel de mouros que se lhe põe de deante, rompe-os e vai a poz um galhardo e possante mancebo que ja lhe fugia com a sua Oriana.

A joven belleza ia desmaiada nos braços do seu salvador — era o espôso que lhe estava destinado, ricco e poderoso Senhor de muitas terras d'além Tejo. — O Mouro corria, mas Hermigues voava. Ja estão junctos; o arabe treme de raiva e de despeito, sobe um combro de area que alli viu mais a geito depõe a desmaiada belleza e começa um tremendo duello de morte em que toda a sanha de christão a mouro, todo o odio e todo o valor das duas raças inimigas pozeram o último de sua terrivel potencia.

Mas o Traga-mouro venceu; a estrella do destino era sua. Com a última luz que lhe foge dos olhos, o arabe viu fugir o christão levando o premio do combate.

Ninguem se tem deante d'aquella espada; os mouros fogem como aterrados de um podêr sôbre-humano, confundidos pela pasmosa audacia de um so homem contra tantos. Gonsallo Hermigues está nos bateis, e os bateis a vogar.

D'alli a poucos dias, Gonsallo Hermigues estava na sua herdade de Ourem. Fatima revestida dos brancos veos de cathecumena, recebia na igreja, com o baptismo, o nome de Oriana, e logo a mão do seu roubador que perpetuamente se lhe consagrou com as sanctas bençams nupciaes.

N'esse dia cantava o trovador as mais bellas e as ùltimas alegres trovas que soaram alegres nas cordas do seu alaude. São as unicas de que chegaram alguns echos até nós.

Oriana adorava o esposo e o encheu de quanta felicidade se pode ter na terra. Mas os transes e agonias d'aquella fatal manhan de San'João tinham apertado de mais com o fio de uma vida tam delicada.

A perfeição da graça feminina não se dá nunca — triste condicção! — senão em existencias debilmente construidas. É flor que não abre perfeita e mimosa em ramo de seiva forte e possante... Oriana morria-se no coração, e tinha a vida nas faces e nos olhos, vivia n'esse ingano o amante, e ella ajudava-se a viver de o inganar. Mas um dia a verdade chega derepente, cortou a illusão. Oriana agonizava nos braços do infeliz que mal podia crer na funesta realidade do que estava vendo.

Na mesma capella em que renasceu por Deus ás fontes baptismaes, e em que sagrára aopé do altar os seus romanescos amores, Oriana jaz cuberta para sempre da loisa do sepulchro. E o

Traga-mouro em cima d'aquella cova, onde sumíra para sempre toda a sua felicidade da terra, vestiu a cogula da penitencia e de abnegação do mundo, e, com mais cinco de seus antigos companheiros nas vans glorias d'esta vida, fundou e dotou o convento da ordem de Cister que muito tempo se chamou Sancta Maria dos Tamaraes.

Não passaram muitos annos, veiu outra manhan de San'João; tangia o sino para o côro, accudiam os frades todos... menos um. Era frei Gonsallo que de antes do romper d'alva fôra visto andar a colher flores na cêrca segundo era seu costume todos os annos n'aquelle dia. Foram dar com elle estendido sobre a campa de Oriana, debruçado n'um feixe de goivos e boninas e sôbre ellas tinha acabado de padecer.

Interraram-no aonde morrêra, na mesma cova, e com aquella mortalha de flores ainda rociada dos orvalhos de San'João e das ultimas lagrymas que chorou na terra.

Da sua memoria ficou saudoso monumento na tradição dos povos; das suas trovas so nos chegaram echos imperfeitos das que compoz para celebrar a sua romanesca e última aventura.

São em tam obscura e cerrada linguagem que boa razão tem Faria-e-Sousa de dizer que se lhe não póde achar o sentido.

Depois das laboriosas interpretações e commentarios de A. Ribeiro-dos-Sanctos, atreveu-se porêm a traduzil-as em allemão o dr. Bellermann. Eu tambem me pareceu mais conveniente aventurar uma traducção em portuguez vulgar, do que amontoar glossas e commentos, que, porfim, inredassem mais do que acclarassem as difficuldades e obscuridades do texto.

Todos os nossos auctores, e o erudito castelhano P. Sarmiento attribuem ésta composição ao seculo XII, apezar de haver documentos portuguezes da mesma epocha mais claros e intelligiveis. O abbade André quer que ella seja anterior, J. P. Ribeiro, como ja disse, considera-a apocrypha. Eu, fiel ao meu systema, juncto o documento, aponto os factos, cito os arrazoados dos criticos e faço tudo concluso ao público.

Na edição que dou do texto, escolhi d'entre as várias licções, ora ésta, ora aquella que melhor me pareceu.

Vej. Fr. B. de Brito *Chron. de Cister* L. IV, C. I; Faria e Sousa *Europa Port.* tom. III, P. IV, C. IX; Mig. Leitão d'Andrade, *Miscel.*; Sarmiento *Obr. posth.* tom. I (Madrid 1775); Abb. D. J. Andre *Orig. progress. e est. da litteratura* tom. II; A. Ribeiro-dos-Sanctos *Ms.* na Bibliotheca publica de Lisboa; D. J. P. Ribeiro, *Dissert. chron. e ent.* tom. I; dr. Bellermann *Die allen Liederbucher der Portug.* (Berlim 1840.)

CANÇÃO.

(texto antigo.)

Tinhera bos, nom tinhera bos, (1)
Tal a tal ca assoma! (2)
Tinherades me, nom tinherades me,
De la vinherades, de ca filharedes
Ca andabia (4) tudo em soma.

—

Per mil goivos trebelhando,
Oy, oy! vos lombrego...
Algorem se ca (5) da folgança,
Asmei eu, perque da terrenho
Nom a hi tal perchego.

(em vulgar.)

Ora vos tenho, ora não;
E um a um elles que chegam!
Ja me apanhais e ja não...
D'aqui largam, e d'alli pegam,
Que anda tudo ao repellão.

Por mil goivos retoiçando
Ai, ai, que vos avistéi!..
Ja sei porque ando lidando,
Que em taes terras, bem pensei,
Melhor fructo não verei.

(1) Assim le: *Bellermane.* — *Brito le* — Tinherabos, non tinherabos. — *Cancioneiro Portuense* [do Dr. Gualter] *idem.* — *Faria e Sousa*: — Tinhe rabos, non tinhe rabos.

(2) Assim o *Canc. Portuene.* — *Brito*: Monta! — *Bellermann* Monta. — *Faria e Sousa*: Monta?

(3) *Assim Brito, Canc. Port., Bellermann.* — *Faria e Sousa le*: Tilharedes.

(4) *Assim Canc. Port., Bellermann.* — *Brito e Far. e Sous. leem*: Amabia.

(5) *Assim Andrade, Faria e Sousa, Bellermann.* — *Canc. Port. le*: De.

Ouroana, Ouroana, oy tem (6) por certo
Que inha bida (7), do biber (7)
Se olvidrou (8) per tu alvidro (8), perque em cabo
O que ey de la chacone (9), sem referta,
Mas nom a (10) perque se ver.

Traducção alleman do Dr. Bellermann.

Schon hielt ich euch, dann hielt ich euch nicht,
Hierhin und dorhin neigt sich der Kampf,
Ihr hattet, und hattet wieder mich nicht,
Von dort kamt ihr her, iher fuhrtet ihr fort,
Von allen Seiten wogte die Schaar.

Dort in tausend Scherzen spielend
O musst'ich euch erschauen,
Etwas liebliches gewahre ich dort,
So dacht'ich bei mir, ein besser Iagen
Giebt's nicht auf diesen Auen.

Ouroana, Ouroana, o glaub'es sicher,
Nun erst gewann mein Leben
Des Lebens Werth durch deine Wahl, nun endlich
Halt mich gefangen, was ich dort erkam-pft,
Und nimmer kaun es Schoneres geben.

A. G.

VARIEDADES

NECROLOGIA.

Cherche dans la vertu la veritable gloire
Ta peine aura pour prix l'honneur de la victoire,
Et ta correspondence egalant mes faveurs
Te ferá surmonter les plus cuisans malheurs.

[Parte da Elegia feita pela rainha de Portugal D. Maria Francisca de Saboia.]

431 O ceu, a glória eterna, é a partilha e a recompensa dos justos. Aquelles que tendo calcado aos pés as maximas do mundo e suas vaidades, e cuja unica mira foi sempre a prática da virtude, para esses é que está preparada a coroa da eterna glória. Ditosos entes que tendo sido julgados infelizes pelos mundanos na terra, estão sendo agora julgados felizes e eternamente venturosos pelos anjos no ceu. A morte é assustadora, é terrivel, mas so o é para aquelles que não tendo soffrido com paciencia e resignação christan os trabalhos' e fadigas inseparaveis da vida, e que totalmente entregues aos prazeres mundanos nunca pensaram na morte, ou nunca a consideraram senão como uma chimera; para aquelles porém, que bem preparados n'este mundo sempre aguardaram com resignação as amarguras que Deus lhes quizesse enviar, para esses á morte não é mais do que o termo de uma existencia penosa e a passagem para uma eternidade feliz e bemventurada. A Sr.ª Marqueza de Abrantes, D. Helena do Santissimo Sacramento de Vasconcellos e Souza, foi uma d'essas creaturas predestinadas que pela sua vida exemplar não encarou a morte com horror. S. Ex.ª ja não existe entre os mortaes. Ésta Sr.ª por tantos titulos illustre, terminou a sua existencia no dia 9 d'este mez de fevereiro, pelas tres horas da tarde, tendo completado 60 annos, tres dias antes de falecer. S Ex.ª foi casada com o Exm.º Marquez de Abrantes, D. José Maria da Piedade e Lencastre, do qual teve dois filhos e duas filhas, e pertencia á antiga e preclarissima casa de Castello-Melhor, sendo por consequencia descendente do famoso heroe Martim Moniz que morreu nas portas do castello de Lisboa (que ainda conservam o seu nome) no anno de 1147, e do conde de Castello-Melhor primeiro ministro e grande valido d'el-rei o senhor D. Affonso VI, fidalgo tão distincto e tão celebre pelo seu grande talento e habilidade como pela grande honradez e amor da patria que mostrou á face do mundo inteiro, quando pediu a sua demissão dos importantes logares que occupava, e se retirou da sua patria, dando este passo por julgar que assim convinha para o bem da nação.

A Exm.ª Sr.ª Marqueza de Abrantes, D. Helena, cuja falta deplorâmos, herdeira das virtudes de seus antepassados, nunca desmereceu com as suas acções, o illustre nome que herdou com o sangue. Tendo recebido uma educação verdadeiramente christan, a Sr.ª Marqueza soube sempre corresponder a ella, a sua vida toda inteira não foi mais do que a prática constante e nunca interrompida de todas as virtudes christans e sociaes. A Sr.ª Marqueza de Abrantes não tinha inimigos nem podia tel-os, pois nada ha de mais sublime, diz o grande Massillon, sôbre a terra, nem mais digno de respeito, do que a verdadeira virtude: o mesmo mundo, a seu pezar, não póde deixar de lhe prestar homenagem. E na verdade assim acontecia com a illustre finada, pois não havia uma so pessoa, que deixasse de reconhecer as muitas virtudes que formavam o seu character; nós os que isto escrevemos despidos de toda a adulação, não podiamos deixar de pagar este último tributo á memoria da Sr.ª Marqueza; conhecemol-a de perto, admirámos as suas virtudes e a sua firmeza de character; e sabemos avaliar devidamente qualidades tão relevantes: não foi por consequencia a lisonja que nos moveu a escrever éstas poucas linhas. A quem poderiamos nós querer li-

Oriana, Oriana, oh, tem por certo
Que ésta vida, do viver,
Toda em ti se olvidou n'aquelle appêrto.
E o que, em trôco eu vim a haver
Não ha mais para se ver.

(6) *Assim Andr., Canc. Port. e Bellermann.* — *Faria e Sousa le:* Oytem.

(7) *Assim Andrade, Canc. Port., e Bellermann.*—*Faria e Sonsa le:* Vida e viver.

(8) Alvidrou *leem Brito e Bellermann.* — *Faria e Sousa e Ribeiro-dos-Sanctos:* Olvidou.

(9) Assim *Canc. Port. e Ribeiro-dos-Sanctos,* — *Brito, Faria-e-Sousa, Andrade e Bellermann leem:* Chebone.

(10) *Faria-e-Sousa, Canc. Port., Bellermann e Ribeiro-dos-Sanctos leem:* Nom ha, — *Brito le:* Não ha. — *Em gallego e portuguez antigo escreveu-se sempre:* Nom a.

songear? A Sr.ª Marqueza está hoje muito acima dos louvores e das mentiras humanas. Aos seus guardâmos o devido respeito; mas não pertendemos grangeal-os, nem elles se deixariam grangear, por adulações.

A morte d'esta Sr.ª tem sido geralmente sentida; boa mãe, boa esposa, filha estremosa, a Sr.ª Marqueza tinha todas aquellas qualidades que pela maior parte possuia a antiga aristocracia portugueza: poucas Senhoras haverá mais instruidas do que ésta Senhora; além da lingua materna S. Ex.ª fallava em perfeição a franceza, a ingleza, a italiana, e ésta última lhe deveu particular predilecção, intendia perfeitamente o latim etc. A conversação de S. Ex.ª era sempre a mais animada e a mais agradavel, n'uma palavra não havia qualidade boa que S. Ex.ª não possuisse. Os seus parentes, e principalmente os seus filhos e a sua familia, choram inconsolaveis a sua falta; mas resignam-se como catholicos, com a vontade do Altissimo. Os restos mortaes da Illm.ª e Exm.ª Sr.ª Marqueza d'Abrantes D. Helena do Santissimo Sacramento de Vasconcellos e Souza, foram no dia 10 depositados na igreja de Nossa Senhora da Lapa, e d'ahi transportados para o cemiterio dos Prazeres, assistindo a este acto um grandissimo número de pessoas, notando-se entre ellas: S. Ex.ª o Internuncio com o seu auditor, os Exm.ᵒˢ Duques de Palmella e da Terceira, e muitas outras pessoas igualmente destinctas.

Requiescat in pace.

M de V.

O CARNAVAL.

432 O entrudo ou *carnaval* (que muitos derivam das palavras latinas *carno vale* — adeus á carne) são aquelles dias que precedem o primeiro dia de quaresma, que se passam em jogos e regosijos publicos, e que n'algumas nações se extendem de Dia-de-Reis até quarta-feira de Cinza. Ésta instituição parece pagan, e acha-se quasi toda inteira nas saturnaes da antiga Roma. Quem lhe quer origem ainda mais antiga vai buscal-a ás festas da primavera d'Osiris no Egypto, e ás de Bacho na Grecia.

Comeffeito conta-se que a solemnidade conhecida com o nome de mysterios de Osiris ou d'Isis, comprehendia um genero de divertimento chamado *cherubs* (vocabulo que os philologos dizem significar em hebraico *multiplicação*) e que este divertimento constava de danças executadas nas praças públicas por mulheres extravagantemente mascaradas, que faziam quanto gesto licencioso lhes vinha á cabeça. Parece que ésta festa tinha allusão ou era consagrada á *fecundidade*.

Na Grecia, que adoptou éstas mesmas festas com o nome de bachanaes, faziam-se ellas com maior ceremonial. Em Athenas, os Archontes redigiam o programma d'estas festas. Davam-se ao povo jogos e espectaculos, e representações dramaticas, que eram feitas com grande magnificencia, e mui concorridas. Era n'estas funcções que os poetas disputavam os premios que lhes estavam destinados, pleiteando versos n'aquelle bom tempo em que se instituiu para elles a coroa de loiro! 'Porque o homem estava então menos materializado... e não trocava por uma sêcca operação arithmetica, que lhe póde dar mais *um cincoenta e cinco avos* d'interesse n'uma tranquibernia agiotatica de uma companhia de confiança... todos os gozos d'alma provindos de uma inspiração poetica' (linguagem de poeta esfaimado).

Como quer que seja, diz-se que a tragedia e a comedia são devidas aos *mysterios* de Bachos. Ora, vejam de que tempo datam os mysterios! E Eugenio Sue a vender ésta fazenda como obra da loja! 'Se n'este tempo se não faz senão furtar' (phrase de *faccioso* desempregado).

Roma, que se apoderava de quantos maus costumes encontrava nos paizes que conquistava, e o que mais é, exagerava-os, pega nas bachanaes da Grecia encarapita-as no capitolio, e ahi temos os romanos a fazerem toda a casta de impudicicia e lascivia que *Bacho* lhes inspirava.

Mas emfim, o que la vai la vai, os antigos tinham os seus mysterios nós temos os nossos, e o entrudo dos povos modernos se não deixa a perder de vista as saturnaes romanas, não lhes fica devendo muito... Publicamente não senhor! verdade, verdade. Algum tremocinho... no elegante grosseiro que não adivinha onde está uma belleza que o espreita—leve, para não ser descortez: e o caso é que elle fica muito desvanecido de que uma mimosa mão se extendesse para elle, e uns lindos dentes lhe sorrissem a furto... tem razão o elegante. Agora particularmente, não sei; mas conta-se muita coisa... v. g. gente queimada por causa de *rabos* d'estopa (de *palha* sei eu de muitos que os tem e nunca lhes pegou fogo), e outras desgraças similhantes...

Ora, em toda a parte da Europa se celebra hoje o carnaval, com mais ou menos pompa, com mais ou menor doidisse—mas gastar o dinheiro e perder o juizo, isso em toda a parte se faz. A Italia porém, leva a palma a todas as demais nações. O carnaval de Roma era famoso em toda a parte do mundo: ainda hoje parece que é vistoso e muito para ver; mas o de Veneza é que foi n'outro tempo de deixar a bóca aberta a quantos la iam dos outros paizes—por exemplo, a ceremonia do Doge casar com o Adriatico: não reparem os leitores em ambos os vocabulos serem masculinos, porque Adriatico é um mar. Foi Napoleão que acabou com essa linda festa, entregando a serenissima republica nas garras do leão d'Austria. Tambem a grande revolução havia interrompido o entrudo em Paris; parece que a deusa Razão assim o tinha ordenado ao cidadão consul. Mas em 1805 o povo revendicou os seus direitos, e o *boi-gordo* sahiu a dar o seu passeio.

Ora, os leitores hão de saber, e se não sabem digo-lh'o eu, que o passeio do *boi-gordo* é coisa de grande folgança em Paris. Ninguem menos que o prefeito da policia, regula a ceremonia, e faz como os Archontes em Athenas, o programma da festa. Todos os magarefes da cidade, secios quanto podem, conduzem em triumpho pelas ruas um boi que deve ser o mais gordo que se possa achar, riccamente ajaezado, com um menino que figura Cupido em cima de si, e mais dôze rapazes em deredor d'elle com todos os attributos da matança etc.

Presentemente é este o costume mais particular que ha pelo carnaval: em quanto ao mais é elle o mesmo em toda a parte. Danças, mascaras, galhofa e alegria, cada um como póde; é em que se passam as horas d'estes dias brincalhões desde Cascaes até ao Vistula, e é o mesmo pelas outras partes do mundo onde teem penetrado os costumes europeus.

As mascaradas são principalmente o divertimento favorito do carnaval; mas nós os portuguezes não somos nem fomos nunca peritos nem avezados a *mascarar-nos*: póde ser que o character nacional, que é talvez naturalmente *franco*, nos arrede das transformações que apresentam o *fingimento*. Seja como for. Portugal n'este genero nunca teve coisa que se assimilhasse com as mascaradas d'Italia, com os bailes *masquès* de França, tam famosos para a aristocracia no tempo do regente, e hoje tam populares. Tambem, exceptuando estes dois povos, nos outros paizes as mascaradas são tam insignificantes como em Portugal: chegam a ser raras na Inglaterra, são poucas e semsabores na Allemanha. E comtudo, com mais ou menos importancia, usam-se as mascaras em todos os povos da terra, mesmo entre os selvagens; e os eruditos provam que ja os reis e sacerdotes do Egypto as usavam nas grandes ceremonias religiosas.

Ja se ve que o homem precisou sempre e em toda a parte, de cobrir o rosto para parecer o que quer e não o que é; hoje porém, tempos de descobertas e aperfeiçoamentos, o homem trabalha por apresentar no rosto, sem mascara, sentimentos differentes dos que tem n'alma: e o caso é que ja isso se vai conseguindo menos mal, e tenho ouvido dizer que quem melhor o sabe fazer mais agua leva ao seu moinho... Eu é que não quero levar os leitores á impaciencia.

CORREIO NACIONAL.

433 *Advertencia* — Pela muita abundancia d'artigos foi retirado o do theatro-italiano, que se dará no proximo numero.

A pag. 406, col. 1.ª lin. 20 do último n.º estão 300,000 em vez de 30,000.

Esta semana tem-se representado duas peças novas no theatro da Rua dos Condes: uma d'ellas, *O cãozinho da marqueza*, não merece as honras da discussão, é uma commedia como ha muitas; a outras *Leonor, ou os mortos andam depressa*, é um melodrama como outros, mas distingue-se de quasi todos elles por dar occasião á Sr.ª Emilia a brilhar nos dois últimos actos com um grande esplendor do seu talento.

A companhia 'Providencia' [Seguros de vidas, annuidades etc.] annuncia o começo das suas operações no seu escriptorio — Rua do Alecrim n.º 10 — E convida os seus accionistas a entrarem com a 1.ª prestação de dois e meio por cento, até ao dia 28 do corrente.

Um dos últimos n.ºs da *Illustração* franceza traz a vista exterior do theatro de 'D. Maria II.'

Um agente de uma companhia franceza, ou da casa Laffitte, acha-se em Lisboa com o fim de contractar com o govêrno a construcção d'alguns carris de ferro.

Diz-se que a casa — Rotschild — comprára a quinta da Palmeira, no Campo-grande. Effectivamente parece que foi o procurador d'aquella casa celebre que a arrematou por 18:000$000 réis.

No domingo [15] impôs Sua Magestade o barrete cardinalicio no Sr. Patriarcha de Lisboa D. Guilherme, com toda a pompa e ceremonias do estylo, no grandioso templo de Sancta-Maria de Belem. Sua Magestade convidou n'esse dia a almoçar o Exm.º cardeal Carvalho, depois d'aquella magnífica ceremonia. E S. Ex.ª o Internuncio deu, no mesmo dia, um esplendido jantar de 40 talheres aos ministros, corpo-diplomatico etc. Julgâmos a proposito inserir aqui uma nota que, sôbre a cor purpurea das vestes do cardeal patriarcha de Lisboa, nos communicou o Sr. Abbade Castro.

« ElRei o Sr. D. João V, a quem a graça com os seus dotes, e a natureza com os seus attributos fizeram perfeitissimo. Engrandeceu a sua real capella, com a Bulla Aurea de 7 de novembro de 1716, do Sancto padre Clemente XI.

« Para maior decoro, e magnificencia do Patriarcha de Lisboa e da sua dignidade, lhe alcançou a regalia de podêr andar vestido em habito purpureo á maneira do arcebispo Salisburgense primaz de Alemanha, e outros muitos privilegios e preeminencias, unindo-lhe tambem as honras e tractamento de cardeal, que lhe mandou dar por decreto de 17 de fevereiro de 1717. E porque ésta honra cardinalicia lhe fosse propria e fixa, fez com que o papa Clemente XII, não so o elevasse áquella dignidade, como o elevou por bulla de 27 de dezembro da 1737; mas pela mesma estabeleceu para sempre, que a pessoa, que fosse preconisado patriarcha de Lisboa, fosse logo creado cardeal no consistorio immediatamente seguinte. [Veja-se Mappa de Portugal, tomo 3.º, pelo padre João Baptista de Castro] »

A Eschola-politechnica annuncia que no dia 2 de março hade começar o curso elementar de chimica.

Hoje (16) entrou no Tejo o novo vapor 'Duque do Porto.' É de ferro, da fôrça de 125 cavallos e de 360 toneladas. Destina-se ao serviço das alfandegas.

A receita do Asylo da mendicidade no mez de janeiro foi de 1:543$686 réis em metal e 76$200 réis em papel, além de diversos donativos e tomadias em seu favor. A despeza foi de 1:402$585 réis. Fica existindo na caixa-filial um saldo de 322$216 réis em metal e 151$200 rs. em papel. Existem asylados: homens 284, mulheres 226, total 510.

A junta do credito-público annuncia que nos dias 25 do corrente e 2 de março, pagará os juros da consolidação do papel-moeda, e titulos de 4 por cento do 2.º semestre de 1845. Que no dia 4 de março pagará os juros do mesmo semestre das apolices da marinha, obra d'Ajuda e Loterias-reaes. Que no dia 9 do mesmo mez começará o pagamento do juro do mesmo semestre das inscripções de 5 por cento.

A empreza do Theatro de San'Carlos annuncia que a opera 'Paulo e Virginia' não póde ir á scena. 'I due Foscari' de Verdi, irá brevemente.